



A REPETIÇÃO E O ACONTECIMENTO (HORRORES DE GUERRA)

Regina Gloria Nunes Andrade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

FREUD E A GUERRA

Sigmund Freud viveu intensamente as duas primeiras guerras mundiais. Ele foi vítima nessas duas guerras e escreveu um artigo interessante *Reflexões para os tempos de guerra e de morte*, (1915) cerca de seis meses depois de deflagrada a Primeira Guerra Mundial, na qual perdeu um filho . Neste texto estão algumas reflexões sobre a morte sendo uma das principais “*é impossível imaginar nossa própria morte, e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores*”. (1919, p.327). O criador da psicanálise pensa que na guerra esta concepção tende a mudar porque “*as pessoas realmente morrem, e não mais uma a uma, porém muitas, freqüentemente dezenas de milhares, num único dia* “ (idem, p. 329).

Os anos 1920, em pós-guerra foram tormentosos em especial na Áustria e em toda a Europa. Os países lutavam para recompor suas economias e os austríacos passaram por um período de experiências sociais tensas , enfrentando o impasse entre a “Viena Vermelha” e as províncias católicas, entre o Partido Social Cristão e o Social-Cristão. Havia um saudosismo dos resplandecentes dias de glória do império austro-húngaro. Neste pós-guerra a psicanálise cresceu e se firmou como uma fonte para a intelectualidade austríaca e Freud mas do que nunca foi identificado como judeu.

Na Segunda Guerra Mundial, novamente foi atacado, agora em sua intelectualidade, em sua condição de raça e novamente na perda de familiares queridos. Uma das exigências das autoridades austríacas para liberarem Freud e sua família, era o retorno do estoque de suas obras que Martin Freud , prudentemente havia enviado à Suíça.Exigiram este retorno para queima-las. O impasse se formou porque Freud não tinha mais dinheiro líquido em mãos e se não fosse a rapidez da Princesa da Grécia Marie Bonaparte, que não poupou esforços para



retira-lo de Viena , ele teria morrido em Campo de Concentração. Grande parte de suas economias foram dadas para salvar suas quatro irmãs , uma vez que Anna, sua irmã mais velha e Ely(irmão de sua esposa) emigrarão para os Estados Unidos e viveram em New York durante anos. Mas as outras Pauline e Mitzi foram deportadas para o campo de concentração de Treblinka. Rosa morreu no campo de Auschwitz e Dolfi morreu de fome em Theresienstadt.

Todos seus amigos ficarão inquietos com sua presença em Viena. Coube a Ernest Jones conseguir os argumentos para persuadir Freud a emigrar para a Inglaterra e a Marie Bonaparte , os recursos, na época de dez mil dólares. Freud queria levar toda sua família incluindo os parentes afins, junto com seu médico e família, num total de dezesseis pessoas. A autorização dos vistos de saída foi muito demorado e difícil de conseguirem. A Princesa ficou com os Freud cerca de dois meses provendo –os de recursos e os protegendo das extorções dos bárbaros. Relatam os biógrafos que Marie Bonaparte “ *foi infatigável nas intermináveis perambulações até os funcionários e as autoridades* ”

A estafante viagem da família de Freud teve início em 5 de maio , com a partida de Minna Bernays , irmã de sua esposa e terminou , por fim em sábado , 4 de junho quando deixou de vez sua residência de toda vida o 19, Bergasse, hoje transformado em Museu. Mas como escreveu Freud “ *a segurança chegou às 2:45 da manhã de 5 de junho, quando o Expresso Oriente cruzou a fronteira com a França em Kehl* ” (Gay, 1989, p. 568) Sua passagem por Paris foi repousante na bela mansão da Princesa Bonaparte e no aconchego dos amigos. Até Yvette Guilbert , cantora e atriz, amiga de sempre de Freud esteve presente a esta pequena recepção . Em 6 de junho , chegou a Estação Vitória em Londres, foram recebidos pela família e pelos Jones , sendo levados para uma casa alugada no noroeste de Londres, perto do Regent’s Park, também transformada em Museu.

Aos 82 anos , experimentou o exílio até sua morte no dia 23 de setembro de 1939. Se desta última vivência de guerra , pouco sabemos das reflexões de Freud além de nossa imaginação, da primeira guerra temos vários trabalhos e artigos publicados sobre o tema. Em sua obra eletrônica a palavra “guerra” aparece em 93 de suas obras. Dentre os mais importantes temos cartas trocadas entre Freud e Einstein, , em 1933, que o Instituto para Cooperação Intelectual promoveu para troca de correspondência entre intelectuais “a



respeito de assuntos comuns” no texto *Porque a guerra ?* (1932) e *A psicanálise e as neuroses de guerra* (1919).

GUERRA , NEUROSE E REPETIÇÃO.

O conceito de neurose de guerra é decorrente da Segunda Guerra Mundial , sendo discutido no 5º Congresso Psicanalítico Internacional realizado em Budapest entre 28 a 29 de setembro de 1918 . Distinguindo neurose em tempo de paz, de neurose de guerra Freud e outros psicanalistas abordaram que ambas têm a mesma etiologia sexual. São neuroses que ocorrem após experiências assustadoras ou graves acidentes.

A presença da pulsão de morte , natural em qualquer estado do sujeito é aumentada em situações de ameaça, e a compulsão a repetição surge como manutenção do princípio de prazer. Neste caso a repetição serviria para provocar a elaboração, quase impossível frente a eventos traumáticos. Como diz Laplanche, “ *é evidente que se considerarmos que o princípio do prazer se acha diretamente a serviço das pulsões de morte, a compulsão a repetição considerada no sentido mais radical em que aceita Freud, não pode ficar situada “ mais alem do princípio do prazer”* (1971, p. 73)

Mas se a consideração de uma tendência repetitiva característica do inconsciente está associada a uma tendência restitutiva , como função do ego a repetição se tornará necessária ao equilíbrio do sujeito. O conceito de **repetição** vem acompanhado nos estudos de Freud por duas idéias : a de a **compulsão** como já dissemos e a de **elaboração**. Todas estas condições aparecem pela primeira vez ,no texto *Recordar, Repetir e Elaborar*, (1914), em que Sigmund Freud (1987b) propõe algumas considerações para a técnica psicanalítica.

O conceito de repetição se tornou, a partir dessa obra, fundamental para a teoria psicanalítica. Jacques Lacan (1964) chega a tomá-lo como parte da própria **definição de inconsciente**, situando-o, em seu seminário de 1964, entre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

Como grande parte dos conceitos da teoria psicanalítica, a repetição também sofre mudanças, revisões e elaborações. As idéias de Freud vão desde a concepção de que a psicanálise poderia fazer cessar a repetição até ao ponto que ela seria constituinte e estrutural do sujeito. A **elaboração psíquica** é proposta como um trabalho de força que consiste na transformação da quantidade de energia que permite transforma-la a partir de mecanismos tais



como derivação e ligação. A elaboração é então pensada como trabalho elaborativo, e em analogia ao trabalho da cura e ao modo do funcionamento espontâneo do psiquismo.

Nem sempre estas conexões associativas proposta durante o trabalho elaborativo obtém sucesso. Freud detalhou esta dificuldade de elaboração psíquica na teoria da histeria e nas neuroses atuais e nas neuroses de destino, onde a repetição toma conta da cena. Em *Além do Princípio do Prazer* (1987d), faz um levantamento dos exemplos de repetição encontrados no cotidiano, na literatura, na arte, nos traumas e nos atos dos sujeitos, para observar que nem todos responderiam ao princípio do prazer

ACONTECIMENTO E REPETIÇÃO

Se os sonhos que se remetem a traumas, ou os sonhos de punição não podem ser encarados como realização simbólica do desejo, também as neuroses traumáticas não são realizações de desejo. Aí Freud introduz uma concepção metafórica de neurose de destino, nunca bem explicada por ele. O fato é que os traumas levam os indivíduos a reviverem experiências que, de forma alguma, trazem prazer. Na vida cotidiana não podemos poupar ninguém de experiências dolorosas e a psicanálise, como um método, ciência ou referencial de cura, muito menos.

Então o acontecimento pode ser vivido sob experiência de vida individual e pode ser vivido como evento social, político, econômico, e outros. Em qualquer experiência temos que contar com a vida pulsional e sua ambigüidade, de vida e morte. A "*pulsão de morte*" segundo a psicanálise é uma das grandes forças da psique, sobre a qual se baseiam as **compulsões à repetição** independentes ao princípio do prazer. Assim, a vida mental se organiza pela oposição de duas grandes pulsões: de morte (Tânatos) e de vida (Eros).

Durante o episódio de 11 de setembro de 2001, da implosão do World Trade Center, o mundo teve a oportunidade de assistir ao vivo, ao acontecimento. O impacto foi tão grande que as imagens se repetiam compulsivamente e os órgãos de notícias, como os jornais, mas sobretudo a televisão, se apoiavam nas imagens para repetirem infindavelmente o sucedido. Jean Baudrillard, refletindo sobre o evento diz que :

Nesse caso, o real se associa a imagem como prima do terror, como um *frisson* a mais. Não apenas é terrificante, como além do mais é real. Mesmo que, inicialmente, a violência do real esteja presente e que se associe ao *frisson* da imagem, a imagem está aí no início, e se associa ao *frisson* do real. Alguma coisa como uma ficção a mais, uma ficção que vai além da ficção. Ballard (depois de Borges) falava, também em reinventar o real, como a última e a mais renovável ficção. (Baudrillard, 2002, p. 39)

Pois é exatamente este *frisson* que acompanha os repórteres e a mídia durante as reportagens da Quarta Guerra Mundial durante a invasão americana ao Iraque. Nos relatos dos correspondentes de guerra, uma admiração, um louvor, em pequenos detalhes como a precisão dos instrumentos bélicos, com seus alvos definidos. Um *frisson* para a produção da notícia e a conseqüentemente uma repetição compulsiva destes registros. Além disso parece haver uma busca incansável, para uma possível elaboração de uma justificativa qualquer, nos registros dos horrores ou alguma explicação que não vem nunca. Esta possibilidade de elaboração é impossível porque durante acontecimentos mundiais e extensos, estamos todos, emissor, receptor e notícia sob os impactos traumáticos da neurose.

O acontecimento é registrado e acompanhado, melhor dito, **contaminado** por ansiedade, terror, e medo. A análise de Baudrillard é que *a violência terrorista, não é real e sim simbólica* e fica no ar a pergunta: o registro da notícia da violência, que é puramente simbólico, é real? Sendo apenas simbólico (o registro da notícia) tem que ser repetido sem nenhuma possibilidade de elaboração rápida.

A compulsão a repetição dos horrores de guerra pode estar apoiada em dois conceitos. Um deles pensado por Anthony Giddens sobre a possibilidade de um eu “*sem corpo*”, proposto pelo psicanalista Winnicott, em relação ao “*falso eu*”, ou *falso self*, como explica

“ a pessoa “sem corpo” pode não se sentir envolvida no desejo corporal, e experimentar o perigo como se fosse uma ameaça a outra pessoa. Ele ou ela pode de fato ser capaz de enfrentar ataques ao bem estar do corpo com mais facilidade que um indivíduo comum, ao preço de intensas ansiedades de outros tipos. (Giddens, 2002, p. 60)

Neste caso o registro do acontecimento da guerra provocaria “*ficar sem corpo*” como uma tentativa de transcender os perigos e ficar em segurança. Uma espécie de defesa,



conhecida como **isolamento do eu**, que consiste em isolar pensamentos ou comportamentos de tal forma que se rompam suas conexões com sua existência, comum em comportamentos esquizóides. Mas, se há em nós *um imenso desejo de acontecimento, e uma imensa decepção frente aos conteúdos da informação* como propõem Baudrillard, (2002) a repetição faz parte do processo de excesso de informação. Como uma espécie de uma “*purgação espontânea*” esse excesso , segundo o autor provoca uma situação imoral :

Mesmo ressentimento que diante da imoralidade de nossas sociedades, em que nada mais tem conseqüências. Nem os atos, nem os discursos, nem os crimes, nem os acontecimentos políticos têm conseqüências verdadeiras, o que se traduz por um desabrochar de processos inúteis. Imunidade, impunidade, corrupção, especulação e branqueamento- o que quer que aconteça, vai-se em direção a um estado limite de responsabilidade zero.
(Baudrillard, 2002, p. 138)

A vivência radical, que inquieta a todos nós é que hoje , século XXI, terceiro milênio , nós podemos entrar na casa destruída pelos mísseis enviados, no Palácio em chamas , e até visualizar os outros níveis de violência , como a invasão da propriedade alheia, o cerceamento da liberdade do povo atingido, ou os abusos aos prisioneiros de guerra.

Podemos concluir que independente da força destrutiva de Osama Bin Laden como líder do acontecimento de 11 de setembro de 2001, ou da arrogância do tirano de Bagdá, Saddam Hussein, estamos diante de forças simbólicas e não reais. Pois parece que não só George W. Bush não se importa com as graves conseqüências de mudar artificialmente, de um momento para outro, o equilíbrio de forças no Oriente Médio ,como também o mundo encontrará uma saída elaborada para esta guerra..

Resta saber se o ponto zero, guerra com morte zero, fome zero, serão propostas para um re-equilíbrio na balança do destino, ou apenas uma repetição histórica.



BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, R.G.N. Freud e suas mulheres. In: **Pretexto**, Revista de Psicanálise do Núcleo de Estudos Psicanalíticos, Fortaleza, Ceará, novembro de 1993.

BAUDRILLARD, J. **L'esprit du terrorisme**. Editions Galilée, Paris, 2002

BAUDRILLARD, J. **A troca impossível**. Tradução de Cristina Lacerda e Terresa Dias Carneiro da Cunha. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2002.

FREUD,S Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra. (Trad. Jayme Salomão). In: **Obras completas** (vol.XVII, pp. 257-270) Rio de Janeiro: Imago 1974. (Publicada originalmente em 1919).

FREUD,S Reflexões para os tempos de guerra e morte (Trad. Jayme Salomão). In: **Obras completas** (vol.XIV, pp. 310-341) Rio de Janeiro: Imago 1974. (Publicada originalmente em 1915).

FREUD,S. Recordar, repetir e elaborar. (Trad. Jayme Salomão). In: **Obras completas** (vol. XII, pp.191-203) Rio de Janeiro: Imago 1974. (Publicada originalmente em 1914).

GAY, P.**Freud , uma vida para nosso tempo**. Tradução de Denise Bottmann. Companhia das Letras, São Paulo , 1988.

GIDDENS, A **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor, São Paulo, 2002.

LACAN, J.**Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1964.

LAPLANCHE,J. PONTALIS,J. **Dicionário de psicoanálisis**.Editorial Labor, Primeira edição , Espanha, 1971.

Regina Glória Nunes Andrade randrade@olimpo.com.br
Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Doutora em Comunicação Social